

JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

Organização de SEBASTIANA FADDA

III



JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

Organização de SEBASTIANA FADDA

Posfácios de SEBASTIANA FADDA
e de JOSÉ MASCARENHAS

III

IN-TER-VA-LO

Il tempo, che per noi sembra un filo continuo, è in realtà discontinuo. Il tempo non è una linea continua, ma è composto di tanti piccoli intervalli, che si sommano per formare il tempo che noi percepiamo.

Il tempo, che per noi sembra un filo continuo, è in realtà discontinuo. Il tempo non è una linea continua, ma è composto di tanti piccoli intervalli, che si sommano per formare il tempo che noi percepiamo. Il tempo, che per noi sembra un filo continuo, è in realtà discontinuo. Il tempo non è una linea continua, ma è composto di tanti piccoli intervalli, che si sommano per formare il tempo che noi percepiamo.

Il tempo, che per noi sembra un filo continuo, è in realtà discontinuo. Il tempo non è una linea continua, ma è composto di tanti piccoli intervalli, che si sommano per formare il tempo che noi percepiamo. Il tempo, che per noi sembra un filo continuo, è in realtà discontinuo. Il tempo non è una linea continua, ma è composto di tanti piccoli intervalli, che si sommano per formare il tempo che noi percepiamo.

Il tempo, che per noi sembra un filo continuo, è in realtà discontinuo. Il tempo non è una linea continua, ma è composto di tanti piccoli intervalli, che si sommano per formare il tempo che noi percepiamo.

Il tempo, che per noi sembra un filo continuo, è in realtà discontinuo. Il tempo non è una linea continua, ma è composto di tanti piccoli intervalli, che si sommano per formare il tempo che noi percepiamo.

Il tempo, che per noi sembra un filo continuo, è in realtà discontinuo. Il tempo non è una linea continua, ma è composto di tanti piccoli intervalli, che si sommano per formare il tempo che noi percepiamo.

Il tempo, che per noi sembra un filo continuo, è in realtà discontinuo. Il tempo non è una linea continua, ma è composto di tanti piccoli intervalli, che si sommano per formare il tempo che noi percepiamo.

NOTAS À MARGEM PARA O PROJECTO DE ENCENAÇÃO DE «IN-TER-VA-LO»

Encenar um texto de Jaime Salazar Sampaio é sempre um risco acrescido. Julgo que será a mesma coisa que tentar fotografar o indizível: a certeza do texto equivale à técnica da experiência — no caso, os sulcos profundos nesse rosto tranquilo do dramaturgo; a dúvida da encenação será sempre a de quem não sabe se o momento escolhido é o mais oportuno — fotografar é congelar um momento de pensamento, e a estética duma encenação é um tempo fugaz.

«IN-TER-VA-LO» é para mim, que já tive o privilégio de encenar outros textos deste homem-sabedor, o desafio maior da sua dramaturgia. Se por um lado Adelaide e Margarida surgem como personagens perfeitamente nítidas, objectos limitados num enquadramento perfeito, já o seu tratamento exige o adivinhar dum tempo anterior à acção e o reconhecimento que o presente é parte integrante do construído da vida. Isto é, estas duas mulheres trazem consigo muito mais do que um nome ou um símbolo que se disciplina no final de um ensaio, uma vida própria, afectos coerentes, uma realidade copiosa que invade o espaço da actividade do encenador. É difícil criar um contexto legível para o espectador quando os objectos em cena evoluem no quotidiano. Passo a explicar: estas duas mulheres serão, no meu entender, as mais congruentes no universo feminino sempre presente na obra de Jaime Salazar Sampaio. O jogo entre a realidade e o tempo de representação nunca foi, como neste caso, levado até limites tão extremos; por cada fala de Adelaide ou de Margarida mais do que o dito há a existência do vivido. E é aqui que reside a dificuldade maior em encenar este texto, tendo como facto adquirido que há um momento em que a encenação termina, está pronto o produto final para o juízo do espectador. «IN-TER-VA-LO» é pelo contrário um tempo permanente, como se para além de entender o passado das personagens que justificaria cada atitude do presente, houvesse necessidade de encenar a justificação da realidade que é mutável em cada inspiração, em cada ciclo do tempo que se cumpre, em todos os contactos interpessoais que nos facultam a mais-valia de viver.

Encenar o «IN-TER-VA-LO» é como fotografar a vida. A dúvida permanecerá sempre: terei escolhido o momento ideal para fixar uma ideia?

JOÃO LÁZARO
(1998)